



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talhoba — Lisboa — Telefone 2  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

EM PORTUGAL NÃO SE TOMA BANHO!

## Lisboa precisa de estabelecimentos balneários

Para os que trabalham, tomar banho em Lisboa representa um acto de verdadeiro heroísmo pelas dificuldades que tem de vencer e pelos incómodos que tem de suportar

Tem-se atacado, e com toda a razão, as verções que se tem sucedido na Câmara Municipal de Lisboa pela incompetência administrativa que todas as vezes revelada. A última é sempre pior que as anteriores.

Mais do que incompetência nos tem-tódas as vezes revelada, no entanto, o desinteresse pelas necessidades mais urgentes da população da cidade.

Desculpam-se, defendem-se as verções com as pequenas receitas da Câmara. No entanto, gastam-se, desbaratam-se importantes quantias em coisas dispensáveis, supérfluas e inúteis, e invoca-se a falta de dinheiro para coisas úteis, de necessidade imediata e cuja realização não esgotaria os cofres municipais, pois podiam até vir a recomendar o capital empregado.

Eis uma iniciativa que a Câmara já poderia ter tomado e de que resultaria um benefício para a população da cidade e bem maior do que a transformação do Rossio, porque se trata de um assunto importante para quem tem o dever de zelar os destinos desta capital — a saúde dos seus munícipes.

Referimo-nos à necessidade absoluta que Lisboa está sentindo de estabelecimentos balneários.

O banho é, como se sabe, o mais poderoso revigorador. Faz o calor que experimentamos e não há quem nos proporcione o meio de nos refrescarmos e de nos lavarmos.

Em Portugal não se toma banho! exclamou o dr. Rocha Brito, há dias, no Congresso Beirão.

É absolutamente verdade. Em Portugal não se toma banho. E se não se toma, não é porque o povo não sinta a necessidade de lavar, não se lava pelas dificuldades que tem de vencer para o fazer.

**Agua pouca e cara. Casas sem quarto de banho e casas de banho sem banheira**

Começa por a água fornecida, na capital, aos domicílios, ser caríssima. Quarenta centavos cada metro, fora a pouca vergonha do aluguer do contador que, servindo para fiscalizar o consumo, não deveria ser pago pelo consumidor mas pela Companhia, a quem unicamente interessa essa fiscalização. Mas além de cara é pouca. Onde ela é mais necessária — os bairros antigos e pobres — não há canalização. Dentro das casas, ou melhor, no interior dos seus, não vem, não está em que o seu emprego necessita de ser maior, é quando ela mais escasseia. E mesmo durante o ano há pontos da cidade — os lugares altos, como a Graça, por exemplo — em que ela só aparece nos contadores à noite, e a altas horas. As casas de construção antiga nem sequer casas para banho possuem. E as modernas, as que possuem, são casas de banho só no nome pois tanto podem servir para banho como para casa de jantar ou quarto. Já viram os senhores reitores sem a respectiva pia? Pois a chamada casa de banho não tem banheira. Se a Câmara tomasse a peito o bem estar e a saúde da população, entre as muitas exigências, incluiria mais esta: a construção de banheiras nas respectivas casas destinadas a banho, que passariam então a ser casas de banho.

E onde estão os balneários? Onde estão as piscinas?

**O que um banho representa de trabalho, despesa, de incómodo e perda de tempo**

Lisboa é a única capital do mundo, cremos, que não possua nem piscinas, nem balneários públicos! Em Portugal não se toma banho! — disse o sr. Rocha Brito. Sim, não se toma banho; mas não é porque o povo seja porco. É porque tomar banho em Portugal é um verdadeiro acto heroico. Vejamos se não é heroísmo ter de ir à fonte buscar duas ou três bilhas de água, pô-las a aquecer e despejá-las num algarido de barro ao canto da cozinha, estreita e abafada. E que massada enxugar depois o soalho alagado! O que tudo isto representa de perda de tempo, de trabalho e de despesa. E são três, quatro, sete as pessoas de família... Mas apesar de todo este valor heroico que o tomar banho em Portugal exige, o povo lava-se, pelo menos... uma vez por mês. Mas lavar-se-las duas, todas as semanas, se para isso não fosse necessário ser herói... embora se trate de um povo de heróis do mar...

**Os banhos de S. Paulo — A afluência aos domingos — Quartos sem campainha e portas que se não abrem por fora**

Que não é tão porco como se quer fazer crer, vê-se no espectáculo que todos os domingos oferece o estabelecimento balnear que existe na rua de S. Paulo. O estabelecimento possui dois pavimentos, o primeiro destinado a banhos medicinais, e o segundo a

banhos de limpeza. Dêstes, há duas classes, 1.ª e 2.ª, consistindo a diferença apenas em que os primeiros tem janella para o exterior, e os segundos são interiores, e costumam respectivamente nove e dez tostões cada banho, sem sabão e sem lençol. Pelo aluguer do lençol paga-se mais três tostões.

Devemos convir que dez tostões por um banho é muito puxado. Pois mesmo assim são muito frequentados. A concorrência aos domingos é enorme, de gente que vem de pontos distantes da cidade, mesmo nesta época de paralisação de carros eléctricos.

O estabelecimento oferece todas as condições higiénicas, mas tem uma falta que muito se faz sentir e que urge remediar. Nos quartos de 2.ª classe não há campainha e as portas não se podem abrir por fora. Facilmente se compreendem os inconvenientes que daí podem advir. Uma síncopa, uma congestão... a impossibilidade de chamar por socorro, por falta de uma campainha pendente do tecto e a altura do braço do banheira... a impossibilidade de socorrer, em virtude das portas não se poderem abrir por fora.

**Três horas à espera da vez! — A avareza da empresa exploradora... do pessoal e do público — Salários de quinze e oito tostões!**

Mas, salvo isto, o estabelecimento está bem montado. No entanto, a organização dos serviços é péssima, dando em resultado o sacrifício dos que querem tomar banho terem de esperar tempo infinito porque chegue a sua vez. Um amigo nosso, num destes últimos domingos, esperou nada menos de três horas! E como este herói, viu ali muitos mais. E porque é que isto sucede?

Primeiro, porque os quartos são em número insuficiente para a afluência de banhistas; segundo, porque o serviço de limpeza das banheiras, de cada vez que servem, é demorado, não por culpa do pessoal mas pelo número deficiente dos empregados encarregados desse serviço. E repetimos que não é por culpa do pessoal, que temos constatado trabalhar incansavelmente, do abrir ao fechar do estabelecimento, e por um ordenado ridículo, por uma paga mesquinha. Basta dizer que as mulheres, que ali trabalham como umas escravas, ganham apenas oito tostões por dia, e os homens, quinhentz não se compreendendo esta desigualdade de salários quando é certo que as mulheres não trabalham menos que os homens.

Pois apesar dos inconvenientes que desta má organização de serviços resultam, ou melhor, que resultam da avareza da empresa exploradora do balneário, a afluência de povo é extraordinária, o que demonstra a necessidade de mais estabelecimentos do género.

Seria este um assunto de que a Câmara deveria cuidar rapidamente e com inteligência, se a presteza e a inteligência de que é capaz não acabassem de ser demonstradas na forma rápida e inteligente como resolveu a momentânea questão dos eléctricos...

**C. G. T.**

**Conselho Confederal**

Hoje, pelas 21 horas, devem reunir os delegados ao Conselho Confederal, a fim de apreciarem os pareceres do Comité, já publicados.

**DEGENERESCENCIA**

**UMA HERANÇA DOS DIABOS**

**Um criminoso que herda dum avô os instintos ferozes e destruidores**

PARIS, 22. — Daguebêr, guarda da guarda de Marquês, próximo de Bolonha, que matou a tiro o inglês Gourlay e um curioso caso de herança de tendências criminosas. O crime foi perpetrado a sua vez, ferozes que os motivos do crime, o culpado Gourlay para lançar com ele e atravessou-lhe a cabeça com um tiro quando este assunava o recibo de venda de um automóvel. Para abater o ruído das detonações, Daguebêr tinha posto um gramofone a tocar o Tip-Top. Depois de perpetrado o crime com seriedade e com habilidade, que planeava matar outro homem para se apoderar de alguns automóveis sem pagar. O assassino de Gourlay foi descoberto meses depois da realização, quando o assassino já contava com a impiedade. Foi descoberto que um avô de Daguebêr foi guilhotinado em 1793, por crimes de sangue, tendo o distrito durante muitos anos. Este homem chamava-se Leduen e segundo o tradicional local tinha cometido mais de dez assassinatos, com uma habilidade tal que nunca foi suscitado, até que foi descoberto por acaso. Os seus assassínios, como o caso Leduen, eram feitos com o maior sangue frio e motivados pelo roubo, tomando ele todas as precauções para evitar suspeitas. As suas vítimas eram dois doentes e um criminoso condenado em cadeia. A premeditação e grande despesa pela vida alheia, Daguebêr que descendia de um homem perfeito ter herdado os seus instintos criminosos. — Rádio.

Crónicas de Hamon

## AUTORIDADE CONTRA LIBERDADE

Reli ultimamente a admirável síntese da evolução humana que Eliseu Reclus traçou sob o título *O Homem e a Terra*, uma destas obras-primas do espírito humano que todos deviam ler e que poucos conhecem. E ao fazer de novo esta leitura, os acontecimentos dos últimos anos esclarecem-se por uma forma estranha, e aparecem-nos na sua própria essência e não somente na sua morfológica.

No próprio momento em que se dão os acontecimentos e, muitas vezes, longos tempos depois, a maioria dos homens — dirigentes como dirigidos — não se apercebe da essência dos factos. Só vê as formas. Influenciados pelas suas paixões, pelos seus sentimentos, pelos seus interesses de momento, os homens sentem, com bastante acuidade, as causas e os factos relativos às suas pessoas e aos seus interesses estreitos e mesquinhos. E então estes factos e estas causas, simples pequenos acidentes na vida da humanidade, tomam proporções tão consideráveis que a essência de outros factos e de outros acontecimentos se não apreendem por maior que seja a sua importância. Há na verdade dificuldades enormes em, num dado momento, descrever os factos de forma a classificá-los segundo o seu valor, na vasta intensidade dos actos e das causas. Estas dificuldades são tanto maiores porquanto a educação e a instrução dos homens tendem a produzir especialistas, isto é, indivíduos de cérebros separados em compartimentos estanques, de modo que a conexão das causas entre si lhes escapa. O especialista só vê a sua especialidade. E a ela tudo reporta. E quanto melhor é este especialista, mais o absorve o detalhe das causas na sua especialidade. Pode ser na verdade uma competência, mas uma competência sem vistas gerais.

Ao seu espírito falta-lhe amplitude, compreensão e, por consequência, imaginação. É por tanto incapaz de impulsionar a humanidade, quer na ordem científica, quer na ordem económica ou política.

Para compreender o que se passa, — as causas, os actos — é necessário não encarar só as aparências, mas sim a própria essência das causas. E esta só plenamente se desdobra ao que conhece a evolução humana nas suas grandes linhas, segundo as suas grandes direcções. E aqui se revela útil a bela síntese da evolução humana traçada por Eliseu Reclus, há vinte anos. Vê-se então que as lutas das Potências, são simples aparências, formas revestindo realidades concretas: a luta dos *clans capitalistas* e a luta das classes. Penetrando até, mais profundamente, na análise do que se passa, para além destas realidades concretas, reconhece-se a essência íntima das coisas, esta realidade abstracta: a luta de dois princípios: a autoridade e a liberdade, ou a luta de dois sistemas: a centralização e o federalismo. Quando estudel os fenômenos da guerra mundial em 1914 e 1915 discerni esta essência e notei-a nas minhas *Lições da guerra mundial*. Os acontecimentos do *após a guerra* vieram confirmá-la, e dia a dia mais se confirma para todos os que sabem ver a realidade e não simplesmente a forma das coisas.

Esta luta dos dois princípios *liberdade e autoridade* é de todos os tempos. A evolução humana prova-o sem contestação. Mas há épocas em que esta luta se intensifica, em que o seu movimento se acelera. O que se dá nos períodos revolucionários. E muitos tem havido durante os milhares de anos da existência humana. E estamos num destes períodos. O que torna a nossa época em extremo interessante para o pensador, para o sociólogo e para todos que amam verdadeiramente os homens. De certo, que esta intensificação da luta, esta aceleração do seu movimento geram sofrimentos e dores, provocam mortes, feridas e lágrimas. Mas, passado este período de gestação, um mundo novo virá, menos mau do que o passado, mas ligado naturalmente ao mundo precedente como a criança aos seus pais.

Na marcha infinita dos homens para um melhor bem-estar, tanto em qualidade, como em quantidade, ter-se há transposto uma fase para se entrar num novo período.

A época da Revolução Francesa foi uma das épocas em que se acelerou a oscilação do pêndulo. Então, foi a *liberdade* a força ofensiva e a *autoridade* a força defensiva. Actualmente a ordem é inversa: a *autoridade* ataca, a *liberdade* defende-se. A Revolução Francesa queria viver e só o podia conseguir impondo-se à Europa. Era impedida à ofensiva. As guerras eram-lhe indispensáveis para abater os tronos, para diminuir a autoridade. E o autocrata Napoleão semeou inconscientemente, através da Europa, as sementes da liberdade. Assim é, se encaramos os factos, não no ponto de vista estreito da nacionalidade, mas no ponto de vista largo da humanidade. Uma quinzena de milhões de seres humanos pagaram com a vida esta sementeira de liberdade.

Na nossa época, o movimento dá-se em sentido inverso mas idêntico de facto. No século XVIII a Revolução precedeu as guerras, agora a guerra precede a Revolução. O fenómeno sociológico dá-se em sentido inverso, mas é o mesmo fenómeno: uma intensificação e uma aceleração do eterno conflito entre estes dois princípios: a autoridade e a liberdade. A autoridade, procurando esmagar a liberdade, que via crescer e alargar-se em profundidade, desencadeou a guerra gigantesca que de Agosto de 1914 a Novembro de 1918 devastou o mundo. Toda a humanidade foi sacudida. Trinta milhões de seres humanos pagaram com a vida esta tentativa da autoridade. Esta tentativa foi vã. A autoridade foi vencida quando foram abatidas as Potências Centrais, que a encarnavam. Mas não o quiz reconhecer. E desde Novembro de 1918 esforça-se por abater a liberdade. Agora, encara-se nos dirigentes das potências ocidentais. A luta mudou de forma, mas a essência é a mesma. A autoridade ataca para se defender, mas se consegue retardar o momento fatal da sua derrota. Esta derrota não será definitiva, porque nada há de definitivo na vida, mas a Liberdade ficará mais forte em essência e em profundidade, na humanidade, como sempre sucedeu durante os milhares de séculos em que se tem desenvolvido a sua evolução.

Os fenómenos sociológicos apresentam sempre uma grande complexidade e só por uma abstracção do espírito se pode perceber a essência própria dos fenómenos. Por isso, no grande conflito da Autoridade e da Liberdade, de que o mundo é teatro, podemos ver distintamente lutas íntimas entre os sustentáculos da Autoridade e outras lutas íntimas entre os sustentáculos da Liberdade. Assim os grupos capitalistas americanos, britânicos, alemães, franceses, japoneses e italianos disputam entre si a supremacia. E a idêntica espantosa assimetria entre sustentáculos da Liberdade: o mundo operário organizado e os socialistas de todas as nações. Mas tudo isto são questões de detalhe, afectando a morfologia mas não a essência, que é o conflito permanente entre a Autoridade e a Liberdade.

Paris — Junho, 1921.

## Notas e Comentários

### A capital

Lisboa é hoje uma grande cidade, à beira-mar plantada, com cerca de um milhão de habitantes — e Lisboa tem um abastecimento de água tão rudimentar e primitivo que coloca um milhão de pessoas em dolorosa expectativa de não ter que beber. Lisboa é uma cidade da Europa, com aspirações a ingressar na civilização — e Lisboa fornece tanta e tão ferozmente a água, ovidos de germes de doenças, que não se podem beber, mas só para lavar as mãos. Lisboa tem o seu fornecimento de água entregue a uma companhia monopolizadora que não nos garante a água, exactamente como a Companhia do Gás não nos garante o gás. Lisboa é uma adeida primitiva com um milhão de bocas sequeiras, de corpos sujos e cerebros ignorantes. Lisboa é a capital de um país que diz, para si, ter descoberto as Américas, as Américas e a Oceania. Será verdade? Vá lá a gente duvidar a frente das nossas patrióticas instituições...

### Progressos

A característica das grandes cidades é o delírio do divertimento. Lisboa não tem um divertimento digno. Talvez por isso os franceses consideram esta região de calor, sol e moscas, que temos a infelicidade de habitar, como fazendo parte do continente africano. Urgia, portanto, a construção de uma grande casa de prazer. Disso se encarregaram os nossos vizinhos espanhóis. A direcção do Ruz Club de Madrid tomou essa iniciativa, começando por adquirir o quartelão do Rossio, que vai da rua da Botega à do Amparo, para depois fazer uma grande casa de diversão. E logo que esta se encontra instalada o os novos ricos possam lá ir divertir os milhares de escudos arrancados à pele de quem trabalha. Lisboa, mesmo sem água, sem luz, sem ar, sem escolas e sem limpeza, ingressará no conceito de franceses que choraram a perda do *Moulin Rouge* ao seio civilizadíssimo da Europa.

### Bergson e os seus discípulos

Pelo que nos diz a *Rádio*, deparando-se de Bergson, o filósofo da aristocracia, já não pode com uma rate pelo rabo. Tem sessenta anos bem puxados e a memória começa a falhar-lhe. Bergson era professor na Sorbonne. Por aqui tem passado grandes inteligências e grandes charlatães da ciência. Bergson ensinava filosofia. Mas não consta que alano seu discípulo se chegou a ouvir até final qualquer dos discursos do filósofo. No entanto, Bergson tem elevado pelos estudantes, o pelas mesmas aristocracias, aos biquinhos da luz. Bergson era a professor que maior número de discípulos contava e ninguém sabe o que Bergson quer. Bergson é um home, é um pretexto, é um ponto de reunião. A aristocracia dá-lhe *bonitas* nas suas aulas. Ninguém o ouvia e todos, o adoravam, o seu nome proporcionava às meninas a

**Esquadra americana**

A esquadra americana que é esperada no Tejo no dia 14 de Julho próximo, a grande em viagem de instrução dos alunos da Academia Naval dos Estados Unidos da América do Norte, demorará no Tejo até ao referido mês e é acompanhada de 2 navios auxiliares.

Os navios Conestoga, Kansas, Minnesota, Michigan e South Carolina, são todos de 15.000 toneladas.

**Em Barcelona**

A vingança dum operário

BARCELONA, 22. — Um operário que foi despedido dum fabrica de móveis matou a tiro um mestre da mesma fabrica. — *Rádio*.

**Os ferroviários do Sul e Sueste e a sua adesão à C. G. T.**

**Uma importante sessão em Casa Branca**

CASA BRANCA, 22. — Os ferroviários abrangidos pela Delegação de Casa Branca, depois de uma importante sessão onde fizeram uso da palavra as camaradas Miguel Correa e Manuel Joaquim de Sousa, secretário geral da C. G. T., votaram entusiasticamente a adesão do Sindicato à Central Confederal. — C.

**BREVEMENTE!**

Será posto à venda

**A Crise do Socialismo**

Edição de A BATALHA

por Hamon

**A arte e os artistas**

Exposição de desenhos por Lyster Franco

O sr. Lyster Franco, que tem aberto ao público, no Salão Nobre do Teatro Nacional, a sua exposição de desenho, não é absolutamente um artista. O expositor tem uma visão justa da Natureza. Os seus olhos são a objectiva duma máquina fotográfica. Não são desenhos, os seus trabalhos são fotografias admiráveis. Não faltam uma única folha, uma só sombra nos seus quadros.

Pena é que o sr. Lyster tivesse tido a infeliz ideia de não variar de assunto. Os seus quadros são todos iguais. Aconselhamos o público, que lá queira ir, a ver apenas o n.º 21, por exemplo, *Portela da Serra*, precisamente igual ao 31, *Asinhaga*. O sr. Lyster vive num mundo isolado, onde só existem árvores, muitas árvores, mas umas das outras, ou primas chamadas, pelo menos, Expõe o sr. Lyster trinta e dois quadros, todos tirados da mesma chapa. Não há uma única obra sua que não tenha por tema a árvore amiga, frondosa ou esquelética, gorda ou magra, nua ou vestida, conforme as estações.

Há dias um amigo meu perguntava-me: — Já foste ver as fotografias do Lyster?

E eu não compreendi bem o sentido desta frase, proferida a propósito da exposição dum homem a quem os jornais chamaram talentoso e original. Agora, porém, muita coisa me ficou. Quando voltar a encontrar esse meu amigo, dir-lhe hei!

Já fui ver as fotografias *ao fusil* do sr. Lyster Franco! Simplesmente admiráveis, meu caro... M. D.

DOIS CONFLITOS QUE SE MANTEM

## O "lock-out" gráfico e a paralisação dos eléctricos

No primeiro, os industriais continuam subordinados ao "meneur" Sérgio Príncipe; no segundo, o pessoal aguarda a satisfação das suas reclamações por parte da Companhia

Apesar da boa vontade, manifestada sempre pela parte operária, em pôr termo a um conflito que ninguém aproveitava, logo de se caminhar para uma solução rápida e razoável, está-se, em virtude da intransigência da parte patronal, inspirada pela C. P., cada vez mais longe d'essa solução, como bem o demonstra a nota ontem publicada pela referida C. P.

Estamos convencidos de que é apenas uma questão de tempo e, assim, os industriais acabam por ceder, sendo para lamentar que o não façam quanto antes, evitando prejuízos que a ninguém aproveitam e que não impedirão a única solução aceitável: aumento de salários.

Para apreciar a nota da C. P. e resolver o caminho a seguir, reunem hoje, às 14 horas, as classes reclamantes, sendo da maior necessidade a comparência de todos os camaradas.

**Nota officiosa do Comité**

Dada a intransigência dos industriais, inspirados pela C. P., em aceder ou entrar, sequer, em negociações, constatamos com um certo desgosto, que o movimento, longe de melhorar, se prolonga e não há uma nova fase e, assim, este Comité espera ser apoiado pelas classes em luta, numa atitude mais enérgica, mais decidida e mais combativa, para vencer os seus vencidos: visto que a razão e a justiça nos assistem. Se um caminho se nos deparar digno, embora cheio de dificuldades, para pôr termo ao conflito, a vitória será ganha. A nota, pela anomia C. P. publicada, é uma afronta. Mesmo se, por alguma coincidência, se fosse o comitê de industrial a não tratar com quem de direito, mancomunados com os *menores* da C. P. com quem nunca as classes em luta trataram e que o castigar.

Está a prova o valor dos trabalhadores das casas de obras e a sua derrota, sendo n.º 1 triunfo da Patronal, seria um cheque dado na organização operária em geral.

Poderemos e devemos contar com o apoio de todo o operariado organizado, vivamente interessado neste caso, pois o triunfo da C. P. os atingirá também. Ante, pois, e não contentando que ninguém os propósitos humilhantes da C. P.

Que ninguém falte à reunião de hoje, para se clarificar melhor mais uma vez a sua situação. — O Comité.

**Resposta perentória à última nota dos industriais**

Camada redactor. — Em virtude do só por intermédio do seu órgão na imprensa, o *Diário de Notícias*, os srs. industriais nos comunicaram as suas respostas, não se dignando ouvir as associações respectivas dos reclamantes, pedimos a publicação do que segue, em resposta a cada um dos artigos da referida nota, cheia, aliás, de imprecisões.

1.º — Não retomaremos os operários o trabalho, nas casas em greve, sem que lhes seja feito um aumento de salário e como consequência, os das casas lock-outadas continuam a passear, mas não todos, visto que o referido *lock-out* tem já mais força do que podem imaginar.

2.º — Não podemos os reclamantes aceitar tal compromisso, visto que nenhuma companhia tem de que o custo da vida deixará de sofrer.

3.º — Não aceitamos os reclamantes esta condição, salvo em condições diferentes daquelas com que os industriais praticam o *lock-out* ou conflito em tal caso essa condição pode ou não ser aceite mas independentemente das que a antecedem.

**Como acaba um herói**

Um tenente coronel morto a tiro...

MADRID, 22. — No parque do Retiro, foi encontrado morto o tenente coronel Castro Girona, que foi um herói combatente da guerra de Marrocos. Castro Girona tinha recebido, pelos seus feitos variados homenagem quando voltou das guerras de África e entre elas um grande banquete oferecido por elementos civis desta cidade. A morte foi ocasionada por arma de fogo. O cadáver foi encontrado pelo guarda do Retiro.

... por ter requested a mulher do próximo

MADRID, 22. — O ministro do interior declarou que não tinha informações detalhadas acerca da morte do tenente coronel Castro Girona, e que o assunto competia à jurisdição militar.

O tenente coronel Castro Girona mantinha relações com a esposa do capitão Barnera, do regimento de caçadores de Navas, que o surpreendeu no passeio do Retiro, matando-o com dois tiros. — *Rádio*.

**U. S. O.**

Conferências

Na sede deste organismo realiza-se no próximo domingo, pelas 21 horas, a 3.ª conferência da série que a União se propõe levar a efeito.

O conferente será o camarada Nogueira de Brito, que desenvolverá um tema bastante interessante.

**DIZ O GOVERNO...**

**Não haverá falta de trigo**

Segundo uma nota officiosa, do ministério da agricultura, é absolutamente destituida de fundamento a notícia referente a escassez de farinha. O governo encontra-se habilitado a fornecer pão para o consumo de Lisboa, ainda mesmo que o futuro carregamento de trigo não chegue na época apropriada.

**Pequenas foram as defeições dos grevistas mineiros**

LONDRES, 22. — Os mineiros retomaram o trabalho alguns distritos, mas não foi considerável o número dos que desobedeceram à Confederação. Os proprietários das minas estão estudando novas propostas para oferecer aos operários. — *Rádio*.

**Os operários algodoeiros vão retomar o trabalho?**

LONDRES, 22. — O Comité executivo dos algodoeiros lançou um apelo aos operários para que estes aceitem os termos do acordo negociado com os patrões. Espera-se que as fábricas retomem em laboração na próxima segunda-feira. — *Rádio*.

4.º — Fica a sua solução dependente da C. P. e quanto a 5.ª se os srs. industriais envolverem por outro caminho ela poderá ser discutida.

Com referência a ter sido a referida nota da C. P. aprovada por unanimidade, é isso mesmo verdadeiro, visto que vários industriais abandonaram a sala, no momento da sua aprovação, e nós sabemos que grande número de industriais só por covardia não votaram contra.

Poderemos garantir, sem receio de desmentido, que o número de oficinas fechadas, de que a C. P. diz ser de 95, é muito menor. Como nota oficiosa, vem quase no fim que a J. E. da C. P. resolveu aguardar que a respectiva associação operária lhe oficie, no sentido das deliberações tomadas. Ora como uma tal declaração demonstra a mais refinada hipocrisia, no sentido talvez de nos comprometer, perante a opinião pública, é indispensável que lhe respondamos que não oficiamos nem oficiaremos a C. P.

1.º — Porque a consideramos uma entidade estranha ao conflito, como ela mesmo já o reconheceu num seu ofício, aos reclamantes.

2.º — Porque, havendo entrevistado os interessados e como estes nada resolveram, foi a greve declarada como resposta à sua intransigência e resolvido ficou que aguardassem os reclamantes o momento de negociar com os interessados, ao que até aqui ainda não nos recusamos.

3.º — Porque, não havendo outra solução a dar ao actual conflito, que não seja um aumento de salários, vimos que inferior ao pedido e como a C. P. devido à sua organização, não lhe permitiu discutir tais assuntos, não temos por tanto a fazer junto à tal entidade.

4.º — Porque consideramos a C. P. como uma sociedade anónima da qual ninguém conhece nem os meios nem os fins, mas que supomos que não tem outro fim, visto que se reúne à porta fechada.

E por hoje julgamos já haver dito o bastante. — O Comité.

**Pessoal da Carris**

A sessão efectuada ontem pelos camaradas da Carris abriu às 15 horas, sob a presidência de Jaime Baptista, que foi secretariado por Santos Júnior e Pascoal Peres.

Usou em primeiro lugar da palavra Armando Mar, da comissão de melhoramentos, e desejou a má impressão existente contra o camarada Francisco Alves, conhecido pelo sobrinho de *Senhor dos Pissoes*, demonstrando ter esse procedimento lealmente.

José Augusto Martins elucida também a assembleia sobre o equívoco de que foi vítima Francisco Alves e envia para a mesa uma saudação aos ferroviários do sul e sueste, pelo facto de terem dado a sua valiosa adesão à C. G. T. e apoiado francamente as classes em luta, resolvendo-se dar-lhes por conhecimento destas resoluções. Este documento foi aprovado por aclamação e no meio do maior entusiasmo.

Francisco Santos, José Eduardo Fernandes e outros oradores faziam várias considerações sobre a greve, aconselhando todos a máxima união para que a vitória seja um facto, sendo encerrada a sessão com calorosas vivas à greve, à organização operária, etc.

**As relações comerciais entre a Finlândia e a Rússia**

HELSINKI, 22. — O conselho de estado da Finlândia proibiu a exportação para a república dos soviets de mercadorias e de valores finlandeses. A interdição é aplicada igualmente às importações de mercadorias e de valores da Rússia dos soviets na Finlândia. O ministro do comércio e da indústria, poderá conceder permissão de importação e de exportação em casos particulares. — *Rádio*.

**Falazes esperanças?**

VIENA, 22. — As colheitas da Europa Central anunciam-se esplêndidas, havendo regozijo nas populações porque isso é uma esperança de que venha a ser minorado o estado de miséria das populações rurais. — *Rádio*.

**Procissão em Almada**

O governador civil proibe-a



